



» ENTREVISTA // RAQUEL LYRA // GOVERNADORA DE PERNAMBUCO

Candidata à reeleição afirma que ataques sobre a morte do marido são violência política de gênero e cobra investigação da PF e da Polícia Civil

"Sou mais cobrada do qualquer homem"

» DANANDRA ROCHA

Após ser alvo de panfletos com acusações sem provas sobre a morte do marido, Fernando Lucena, a governadora de Pernambuco, Raquel Lyra (PSD), afirmou ao **Correio** que passou a ser acusada de ter colocado o próprio material nas ruas para obter vantagem eleitoral. Segundo ela, os ataques se intensificaram depois que o caso veio a público e ultrapassaram os limites da disputa política. “Os ataques já se intensificaram no mesmo dia em que os denunciamos: chegaram a me acusar de ter plantado os próprios panfletos para ganhar a eleição. Não há limite para quem age assim”, afirmou. A distribuição dos materiais, que fazem acusações sem apresentar provas sobre a morte de Lucena, é investigada pela Polícia Civil e também foi levada à Polícia Federal e ao Ministério Público Eleitoral pela coligação da governadora. Raquel disse que pretende acompanhar as apurações “até o fim” e responsabilizar autores e financiadores. Para ela, o episódio configura violência política de gênero por atingir sua honra, os filhos, a família e a memória do marido.

Governo de Pernambuco



A senhora teme que ataques pessoais como esses se intensifiquem durante a campanha?

Vamos seguir firmes, mostrando o que foi feito para virar a chave de Pernambuco na economia, na saúde, na infraestrutura, na educação e na segurança. E o que ainda vamos fazer para manter esse ciclo depois de oito anos de estagnação. Os ataques já se intensificaram no mesmo dia em que os denunciamos: chegaram a me acusar de ter plantado os próprios panfletos para ganhar a eleição. Não há limite para quem age assim. Mas há limite para o que a lei tolera, e confio na polícia e na Justiça para dar a resposta à altura.

A senhora recebeu alguma informação sobre a autoria ou o financiamento desse material?

Identificar autores e financiadores cabe à Polícia Federal e à Polícia Civil, que já foram acionadas. Nossa coligação também levou o caso ao Ministério Público Eleitoral, para assegurar o livre exercício do voto e o equilíbrio do pleito. Quem se esconde no anonimato para caluniar será encontrado.

Até onde a senhora pretende levar as investigações e a responsabilização dos autores?

Até o fim. Vou denunciar cada ato de ódio e colaborar com as autoridades em tudo o que for preciso. Costumo dizer que, quando uma

Vou denunciar cada ato de ódio e colaborar com as autoridades em tudo o que for preciso. Costumo dizer que, quando uma mulher se ergue, ela ergue todas as outras. E é isso que me move"

Sou mais cobrada do que qualquer homem que governou Pernambuco, e faço questão de responder a cada cobrança com trabalho, porque a cobrança é parte da democracia. O que não é parte da democracia é o que veio depois: ataques que abandonaram a crítica política e viraram violência política de gênero, atingindo a minha honra, meus filhos, minha família e a memória de Fernando"

mulher se ergue, ela ergue todas as outras. E é isso que me move. O carinho dos pernambucanos em cada caminhada pelo Estado, o apoio da minha família, dos meus filhos João e Nando, dos meus pais, me lembra todos os dias por que sigo em pé e por que sigo lutando.

A senhora acredita que essa escalada de ataques pode mudar o tom da eleição em Pernambuco?

Da nossa parte, o tom será sempre o mesmo: discutir Pernambuco. O estado lidera o crescimento econômico no país e só perde para São Paulo na geração de empregos na construção civil, resultado do investimento que fizemos em obras. É disso

que quero falar com cada eleitor, olho no olho. Esse é o debate que Pernambuco merece.

Como é ser mulher na política e enfrentar ataques que, muitas vezes, ultrapassam o debate político e atingem a vida pessoal?

Sou mais cobrada do que qualquer homem que governou Pernambuco, e faço questão de responder a cada cobrança com trabalho, porque a cobrança é parte da democracia. O que não é parte da democracia é o que veio depois: ataques que abandonaram a crítica política e viraram violência política de gênero, atingindo a minha honra, meus filhos, minha família e a memória de Fernando. Transformaram uma perda em

arma eleitoral desde a nossa vitória. Como a primeira mulher a governar Pernambuco, já fui atacada até dentro da Assembleia Legislativa e na tribuna de uma Câmara Municipal. Quando atacam uma mulher no poder, atacam a representatividade de todas e a própria democracia. Mas não vão silenciar a minha voz nem a de nenhuma mulher.

A senhora acredita que os ataques têm relação direta com a disputa eleitoral de 2026?

Não tenho dúvida de que são motivados pela disputa. Pernambuco já viu violência política em outras campanhas. As redes sociais ampliaram o alcance, mas sem aposentar as velhas práticas, como espalhar panfletos criminosos pela cidade.

Prefeitura de São Paulo, afirmando que recebeu o município com dívida de R\$ 74 bilhões e o deixou com R\$ 27 bilhões. “Sempre o destino me reservou tarefa dura. Eu nunca peguei moleza na vida pública”, declarou.

Comício com Lula

As declarações ocorreram durante comício no município de São José do Rio Preto, ao lado do candidato à Presidência da República pelo PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e das candidatas ao Senado pela chapa governista, Marina Silva e Simone Tebet.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

Crime, castigo e relações perigosas de ministros do STF no caso Master

“Raskólnnikov, de lábios desmaiados, olhar fixo, aproximou-se devagar, aproximou-se até junto da mesa dele, apoiou uma das mãos sobre ela, quis dizer alguma coisa e não pôde; apenas se ouviram alguns sons incoerentes.

— O senhor está maldisposto: uma cadeira! Aqui...Sente-se nesta cadeira, sente-se. Água!

Raskólnnikov deixou-se cair na cadeira, mas sem afastar os olhos da cara desagradavelmente surpreendida de Iliá Pietróvitch. Olharam-se um ao outro por um momento e ficaram à espera. Trouxeram a água.

— É que eu... — começou Raskólnnikov.

— Beba água.

Raskólnnikov desviou a água com a mão e, devagar, mas distintamente, disse:

— É que fui eu quem matou aquela velha viúva dum funcionário e a sua irmã Lisavieta, com uma machadada, para roubá-la.

Iliá Pietróvitch abriu a boca. De todos os lados acudiu gente. Raskólnnikov repetiu a sua declaração...”

O protagonista do romance *Crime e Castigo* (Nova Cultural), de Fiódor Dostoiévski, é o ex-estudante pobre Rodion Raskólnikov. Em São Petersburgo, movido por uma teoria de que seria um homem superior, ele assassina uma velha agiota e a irmã dela. Em seguida, passa a sofrer de intensa angústia mental, delírios e profunda culpa psicológica. O “castigo” real não é apenas a condenação legal, mas o tormento de sua própria consciência isolada.

Crime e Castigo não é somente um romance policial sobre um duplo homicídio. Desde o início, o leitor sabe que Rodion Raskólnikov matou a agiota Aliena Ivanovna e, inesperadamente, sua irmã. O enigma é compreender o caminho entre o crime e a confissão. Raskólnnikov acredita que homens extraordinários podem violar a lei em nome de objetivos superiores. Mata para provar sua teoria, mas não consegue viver acima da própria consciência. Antes de ser condenado pelo tribunal, já fora condenado pelo sentimento de culpa. No fim, guiado pelo amor de Sônia, ele se entrega à polícia e encontra a redenção na Sibéria.

A crise do Supremo tem uma dimensão dostoevskiana. A sociedade desconhece toda a história das relações reveladas pelo telefone de Daniel Vorcaro, das ordens transmitidas à Polícia Federal e dos vazamentos seletivos contra autoridades. Os integrantes da Corte, porém, sabem muito mais do que revelam. Cada qual conhece o que fez, o que autorizou, o que tolerou e aquilo que soube em silêncio.

A gravidade não decorre apenas das mensagens atribuídas a Vorcaro. O banqueiro procura interlocutores poderosos, teme ser preso e sugere ter acesso às instituições encarregadas de investigá-lo. Como respostas não foram recuperadas, conclusões exigem cautela. A ausência dessas respostas não elimina as perguntas. Impõe uma investigação independente, transparente e de acordo com o devido processo legal, sem condenações antecipadas nem proteção corporativa.

Impeachment

André Mendonça levantou o sigilo do material e adotou providências consideradas incompatíveis com as prerrogativas do plenário. Alexandre de Moraes reagiu e pediu a investigação do colega dentro do inquérito das fake news. A PGR contestou o relatório policial. A crise deixou de envolver somente os fatos investigados. Passou a alcançar a legalidade dos métodos empregados na investigação e seus principais atores.

É aí que o Supremo esbarra na sua jurisprudência. Pau que dá em Chico dá em Francisco, diz o velho ditado popular. Decisões monocráticas de enorme alcance, investigações abertas por iniciativa judicial e a expansão de inquéritos foram usadas nos casos do 8 de janeiro. Agora, práticas semelhantes são condenadas dentro da própria Corte. Isso não significa que eventual nulidade no caso Master anule automaticamente o processo de Bolsonaro. São processos distintos. Mas é disso que agora se trata.

Ao considerar esses métodos ilegais, o Supremo deverá explicar por que os admitiu anteriormente. Coerência é essencial. Também seria inaceitável, nesse caso, usar as garantias constitucionais para destruir toda a investigação e libertar Vorcaro sem apurar os fatos. Provas ilegais devem ser anuladas, não as responsabilidades. Talvez, seja esse um dos objetivos dos responsáveis pelos vazamentos.

Edson Fachin tenta uma saída institucional: retirou a disputa do inquérito das fake news, pediu explicações aos envolvidos e pretende levar as questões relevantes ao plenário. Também defende o fim do inquérito aberto em 2019 e um código de ética para os ministros. Por enquanto, são apenas declarações de intenções. Ao citar os ministros Gilmar Mendes, Dias Toffoli, Luiz Fux e Nunes Marques, supostamente também investigados de forma ilegal, Moraes insinua já ter apoio de metade dos votos do Supremo contra Mendonça.

Não por acaso, também relaciona o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, responsável por pautar ou não os pedidos de impeachment de ministros do Supremo, que ameaça abrir um processo contra Moraes e outro contra Mendonça, para conter o ímpeto da oposição. A indignação pública e seu impacto eleitoral, porém, podem converter essa ameaça tática numa pauta impossível de controlar. Ninguém pode estar acima da lei, nem mesmo quem tem o poder de interpretá-la. Sem confiança pública, decisões são percebidas como demonstrações de força de quem detém o poder e não como atos de Justiça do Estado democrático de direito.

CAMPANHA ELEITORAL

Haddad diz que São Paulo está sem caixa

O candidato ao governo de São Paulo pelo PT, Fernando Haddad, afirmou ontem, que, se eleito, receberá o estado “sem caixa e com déficit orçamentário” Segundo ele, São Paulo tinha R\$ 22 bilhões em caixa no início da atual gestão e conta hoje com R\$ 5 bilhões.

“Isso que está acontecendo no estado de São Paulo não acontece há 30 anos”, afirmou Haddad, durante comício em São José do Rio Preto (SP). O petista disse ainda que os R\$ 5 bilhões atualmente disponíveis seriam suficientes para bancar apenas uma semana de despesas do estado.

Haddad afirmou que as contas

paulistas estavam equilibradas desde o governo de Mário Covas, há cerca de três décadas, e usou a situação fiscal como uma das principais críticas à atual administração estadual.

No discurso, o candidato também criticou a gestão do governador Tarcísio de Freitas nas áreas de educação, saúde e segurança pública. Segundo Haddad, o ensino médio público paulista passou da terceira para a décima posição no ranking nacional durante a atual administração. Ele também afirmou que houve aumento das filas do Sistema Único de Saúde (SUS). Ao mencionar sua

Sempre o destino me reservou tarefa dura. Eu nunca peguei moleza na vida pública”

Fernando Haddad, candidato do PT ao governo de São Paulo

própria trajetória administrativa, Haddad disse ter assumido outras funções públicas em momentos de dificuldade. Citou a